

Sob um salgueiro

Dorme uma flor aqui, — flor que se abria,
Que mal se abria, cândida e medrosa,
Rosa a desabrochar, botão de rosa
Cuja existência não passou de um dia.

Deixe-a em paz! A vida fugidia
Como uma sombra, a vida procelosa
Como uma vaga, a vida tormentosa,
A nossa vida não a merecia.

Em paz! em paz! A essência delicada
Do anjo gentil que este sepulcro encerra,
E' hoje orvalho... cântico... alvorada...

Sopro, aragem do céu, talvez, que o pranto
Anda a enxugar a uns olhos cá na terra,
Doces olhos de mãe, que o amavam tanto.